

Receita para tirar a economia brasileira da crise — crescer

Francisco J. F. Barbosa*

A economia brasileira esteve mal ao longo dos últimos onze anos: de 1981 a 1991. Disso todos saíram bem. Sentimos na própria pele. Nesse período, o produto aumentou próximo a 17%, enquanto a população, 28%. A produção e, portanto, a renda "per capita" diminuíram. Significa que a perda foi grande. A produção poderia ter crescido bem mais. Somente em 1991 poderia ter sido 50% maior, ou mais.

Houve razões para não ter havido crescimento? Certamente! Não há efeito sem causa ou causas. A fonte dessas razões foi, sem dúvida, o Estado, representando pelos governos, estes formados por políticos.

Esteve mal porque as políticas adotadas foram equivocadas. E, se as políticas fracassaram, as teorias e as análises, sobre as quais se fundamentaram, não tinham lógica, foram inconsistentes. Como em outros países, foram adotadas sob avaliação de que dariam certo, mas não deram. Se um fenômeno não segue a lógica, que temos dele, quem está errado é a lógica, não o fenômeno.

A política econômica não só não ajudou. Atrapalhou,

desarranjou, inviabilizou,

tanto o combate à inflação quanto o fundamental, o crescimento.

Desarranjou essencialmente porque submeteu artificialmente a economia a prolongada recessão.

Crescimento é a tendência natural das economias. As empresas investem lucros e outras poupanças captadas da comunidade, e até do exterior, e garantem, assim, o crescimento. Nem estímulos ou incentivos são necessários. Basta que deixem haver demanda e lucros.

A política econômica impediu que essa tendência natural se desenvolvesse por muitos desses onze anos.

Fez-se longa recessão, para liquidar a inflação.

Ficamos sem crescimento e com a inflação. Nem poderia ser diferente. Recessão não é remédio para a alta continuada dos preços.

Nem para coisa alguma.

Recessão, portanto, é fenômeno negativo inevitável de uma economia que, ao passar por superaquecimento, se superestoca e perde liquidez.

Estoques excessivos isolam a produção do consumo por algum tempo, desarmando a primeira.

Recessão, portanto, é mal para ser preferencialmente evitado. Senão, depois de concebido, pelo menos bem administrado, para ser minimizado. Jamais deve ser adotado. E uma doença, nunca um remédio. Não se combate doença com outra doença.

A recessão fatalmente empobrece, e por tempo maior que sua própria duração. Cai o produto, cai fatalmente a renda real que é o seu valor. Não se gera renda por decreto, como propõem os demagogos. Recessão inviabiliza investimentos, a peça-chave do aumento futuro da riqueza, da expansão da oferta de bens e serviços. Sob um quadro duradouro de capacidade ociosa elevada, promovido pela crise, não há motivação nem recursos para investir. Não investir hoje é perder o crescimento de amanhã.

Recessão não ajuda a controlar inflação. Faz diminuir arrecadações, que obriga governos a se endividar e a pagar juros que geram mais despesas. Recessão também faz crescer a demanda por programas sociais exatamente quando os governos perdem recursos para os atender. Recessão promove déficits públicos. E não há ajustes tributários para aumentar receitas na crise sem provocar mais crise.

Recessão desarticula mais a oferta que a demanda, enquanto os estoques são diminuídos. Traz desabastecimento, ineficiência produtiva e aumentos de custos. A demanda é mais adiada que destruída. No início da recuperação, a oferta fatalmente fica aquém da demanda, realimentando inflação.

Portanto, recessão é mãe

de miséria e de inflação.

Por terem combatido inflação com recessão, convivemos, nestes onze anos, com as duas.

Aparentemente, a recuperação tende a inflacionar, mas, de fato, recomponde a oferta, rearticula a produção, eleva a eficiência produtiva, minimiza custos e eleva receitas públicas sem sacrifícios. Basta se avolumar para tudo isso aparecer.

Numa economia balançada, produção, renda e consumo geram relativa proporção — equilíbrio absoluto se consegue apenas

em mapas de teoria —, desde que assegurado o equilíbrio orçamentário oficial,

que o próprio crescimento facilita. Nessas condições, e só nelas, não há como a inflação não perder força.

E preciso ter paciência para aguardar a recuperação se adiantar.

O País precisa, portanto, crescer para desinflacionar. E para crescer, que é o desejo de todos os brasileiros, basta deixar crescer.

E a tendência estará naturalmente se impondo já desde o início de 1992, em função dos estoques baixos da virada do ano. Se o Estado se encolher e deixar de consumir grandes recursos da comunidade, crescerá mais depressa.

Vamos parar de fazer recessão. Não é saída.

• Diretor e estrategista-chefe de investimento do Citibank Private Bank.